



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

A REGRA APOSTÓLICA DE «DAR»

Glen E. Smith



Um membro descontente descobre a raiz do seu problema e encontra de novo alegria frequentando a igreja.

QUASE não conseguia acreditar no que dizia aquela irmã, por se tratar de um membro dedicado da igreja. Havia já vários anos que era adventista, crente em todas as nossas doutrinas, e afirmava que não se podia sentir feliz na igreja. Tinha começado a faltar às reuniões e ficava em casa a fazer o culto por sua própria conta. Ainda mais me surpreendeu, no entanto, a razão por ela apresentada: «Não posso suportar estar sentada na igreja ao lado do meu marido».

Eu já tinha encontrado algumas vezes mulheres infelizes porque os seus maridos não iam à igreja com elas, mas esta era uma situação diametralmente oposta. Por fim explicou-me tudo o que se passava.

O marido era daquele género de pessoas que respondem generosamente a toda a espécie de apelos para ofertas. Frequentemente queria dar muito dinheiro e às vezes dava tudo quanto tinha na carteira. Quando ela o via pôr na bandeja das ofertas uma soma importante — por exemplo uma

nota de 20 dólares (cerca de 600\$00) — quase não conseguia resistir ao impulso de estender a mão e retirar aquela nota que representava comida e vestuário. Acabou por decidir ficar em casa; mas isso não chegou para resolver o problema. Por outro lado, sentia a falta da igreja. Um dia, enquanto estudava, descobriu a regra apostólica para dar. No sábado seguinte estava de novo na igreja, feliz, sentada ao lado do seu marido.

O que é que a tinha tornado, novamente, uma adventista feliz? Aqui está a citação que tinha lido: «Deus elaborou um plano graças ao qual todos podem dar segundo a prosperidade que Ele lhes tenha concedido, e que tornará o dar um hábito sem necessidade de ter de esperar solicitações especiais ... Enquanto todos não tiverem posto em prática o plano da benevolência (beneficência) sistemática, não se terá realizado a regra apostólica» (3T, p. (411) (1).

(Continua na pág. 12)

“estai vós apercebidos”

PREVÊ-SE CRESCENTE CONFRONTAÇÃO DA IGREJA COM A SOCIEDADE SECULAR

ST. LOUIS — Um professor da Universidade Estadual do Michigan (Estados Unidos) predisse que haverá uma crescente confrontação entre a Igreja e a sociedade secular nas próximas décadas. Segundo a sua opinião, a Igreja «adquirirá força, respeito, estatura e influência». Prevê o Prof. Dr. Ted Ward que «haverá mais e mais pontos de atrito no futuro para os cristãos, especialmente para os nossos filhos e irmãos e irmãs menos amadurecidos. Num período bem curto podemos esperar ver cristãos enfrentando dilemas e tendo que tomar difíceis decisões para as quais as suas crenças nas Escrituras estarão em forte oposição ao desejo geral das pessoas». Mas vê o lado positivo da questão, crendo que a Igreja, com isso, será fortalecida. — **O Atalaia**

A FEDERAÇÃO LUTERANA CRESCER

AMSTERDÃO — O número de igrejas que fazem parte da Federação Luterana Mundial foi acrescido de algumas unidades. O seu conselho executivo decidiu, com efeito, aceitar os pedidos de admissão das igrejas seguintes: Igreja Evangélica Luterana da República Central Africana (15 000 membros), Igreja Chinesa do Sínodo de Hong-Kong (7000 membros), Missão de Tsung-Tsin (8000 membros), Igreja Morava da África do Sul (67 000 membros), Igreja Luterana da Bolívia (3000 membros), Igreja Protestante da Indonésia (140 000 membros).

Deste modo a Federação Luterana compreende hoje 92 igrejas, que reúnem mais de 55 000 000 de membros. — **Segni dei Temp**

ESTERILIZAÇÃO OBRIGATÓRIA

O governo do Estado indiano de Maarastar, na vanguarda da corrida da Índia para a esterilização obrigatória, apresentou um projecto de lei que impõe, aos casais com três filhos ou mais, que se submetam à operação de esterilização, sob pena de dois anos de cadeia. O projecto de lei, que poderá provocar um milhão de esterilizações obrigatórias no ano próximo, é o primeiro documento deste género, cuja apresentação está prevista que se faça ainda este ano às assembleias legislativas dos estados indianos. — **Segni dei Temp**

BISPOS ANGLICANOS APROVAM A ORDENAÇÃO DE MULHERES

CANADÁ — Com 31 votos a favor e 3 contra, os bispos anglicanos do Canadá declararam-se a favor da ordenação de mulheres, a partir do dia 1 de Novembro de 1976. O voto dos bispos ratifica assim uma decisão tomada pelo Sínodo geral da Igreja em Junho de 1975. Segundo os opositores da ordenação feminina, esta decisão fará perder às actuais dioceses mais de um milhão de membros, o que equivale a dizer 30 por cento dos membros em comunhão.

Prevê-se no entanto que esta decisão possa vir a ser retardada ulteriormente se as Igrejas Anglicanas estrangeiras derem um «parecer realmente negativo». Todavia, os círculos canadenses não prevêm tal reacção negativa. O primaz anglicano canadense, o bispo Edward Scott, sublinhou que as Igrejas Anglicanas da Nova Zelândia, da Jamaica e da Inglaterra já em tempos aprovaram este princípio e que em Hong-Kong três mulheres foram ordenadas há quatro anos.

Em Junho de 1975, o Sínodo geral da Igreja Anglicana canadense tinha-se pronunciado a favor da ordenação de mulheres por 75 por cento dos bispos, 71 por cento dos pastores e 98 por cento dos leigos. — **Segni dei Temp**

SEPARAÇÃO ENTRE ANGLICANOS E CATÓLICOS APENAS POR QUESTÕES HUMANAS

WASHINGTON — «A única coisa que separa» anglicanos e católicos romanos é «meramente a questão humana — e como ela é humana! — de quem tem a gerência da loja», no dizer do deão da Catedral Nacional de Washington (episcopal).

O Deão Francis Sayre falou no serviço religioso de domingo à tarde na abertura da Semana de Oração anual para a Unidade Cristã, no Santuário Nacional (católico) da Imaculada Conceição.

Disse ele que apenas resta «a questão humana», em virtude das recentes declarações de acordo emitidas pelas comissões teológicas anglicana e católica romana que se pronunciaram sobre a Eucaristia e o ministério ordenado. Uma comissão está agora a considerar a questão da autoridade da Igreja, incluindo o primado do Papa.

Para resistir ao secularismo moderno, disse o Deão Sayre, todas as partes da Igreja «têm de se unir». —

Ministry.

SUMÁRIO

A Regra Apostólica de Dar	«Estai vós apercebidos»
Página Editorial	
Pensamentos sobre a Posseção Demoniaca	
Porque Deixei a Reforma	
Plano de Cinco Dias para Deixar de Falar da Vida Alheia — Curso Intensivo — III	
«Tirai Daqui Estas Coisas»	
História do Mês — O Pastorzinho Fiel	
A Doutrina Adventista Apresentada à Rainha de Espanha	
Notícias do Campo	
Breves Notícias do Mundo Adventista	

revista
adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

SETEMBRO DE 1976

ANO XXXVII

N.º 360

Director: ANTÓNIO SIMÕES
LOPES BAIÃO

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÁNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFACIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual:	50\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro	70\$00

NOVAS "PEDRAS VIVAS" NA IGREJA PARA O PRÓXIMO ANO

«Pertencer à Igreja de Deus é um privilégio único e que produz na alma grande satisfação. Deus tem o propósito de reunir um povo desde os distantes confins da Terra, para o constituir um único corpo, o corpo de Cristo, a Igreja, da qual Ele é a cabeça viva. Todos quantos são filhos de Deus em Cristo Jesus, são membros do Seu corpo, e dentro desta relação podem desfrutar do companheirismo mútuo e do companheirismo com o seu Senhor e Mestre».

É assim que o nosso **Manual da Igreja** introduz o assunto da Igreja de Deus que, no dizer do apóstolo Paulo, é «a Igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade».

É por intermédio desta Igreja que a verdade religiosa se vai conservando no mundo e tem sido transmitida aos homens.

E, assim como a verdade é só uma, também a Igreja verdadeira é só uma.

Pode dizer-se que vivemos numa época de confusão teológica; nunca como hoje houve tantas igrejas que se denominam cristãs e que pretendem possuir e praticar a verdadeira doutrina cristã: — existem mais de duzentas e cinquenta!

Mas, uma coisa é certa: só uma destas organizações é que pode ser a autêntica Igreja de Cristo; só uma é que pode ter a verdade integral.

É, precisamente, aquela que «guarda os Mandamentos e tem a fé de Jesus». Note-se que não se diz: «que tem a fé em Jesus», mas sim «que tem a fé de Jesus», aquela fé que era possuída pelo Salvador, precisamente a mesma fé que Jesus tinha.

E esta Igreja, graças a Deus, a Igreja Adventista do 7.º Dia, é a única, de entre todas as demais que se dizem cristãs, que «guarda os mandamentos e que tem a fé de Jesus».

A verdadeira Igreja, a Igreja de Deus — tanto a do Antigo Testamento como a do Novo — sempre se caracterizou pela unidade, devida e sabiamente organizada. «O governo de Israel — diz a Irmã White — caracterizou-se pela sua mais completa e maravilhosa organização, tanto pelo seu acabamento como pela sua simplicidade». (**Patriarcas e Profetas**, pág. 405).

A Igreja fundada por Jesus apresenta a mesma perfeição, como não podia deixar de ser, dada a sua origem divina e o seu fundamento que é o mesmo Jesus. Foi Ele que, no dizer do apóstolo Paulo «colocou os membros no corpo, cada um deles como quis» (I Cor. 12:18).

Convém, pois, que cada um dos membros — que somos todos nós, prezados Irmãos — nos encontremos no nosso devido lugar, agindo de acordo com a nossa própria função. Todos nós, como membros, formamos um único corpo em Cristo, que é a «cabeça do corpo da Igreja».

Diz a Irmã White que a cada cristão é designada uma obra especial e que Deus espera serviço pessoal de cada um de nós.

Nesta altura, em que a Igreja vai escolher os novos oficiais para o próximo ano, parece-nos con-

veniente recordar algumas normas que, de acordo com os ensinamentos da mensageira do Senhor, devem nortear tal escolha.

Mais uma vez «as pedras vivas» que, no dizer do apóstolo Pedro, constituem a «casa espiritual e sacerdócio santo» vão ser manejas, seleccionadas, distribuídas, redistribuídas, ajustadas, reajustadas, antepostas ou postostas.

É chegado o momento de olharmos — mas através do nosso Salvador — para aqueles nossos irmãos que devem ser investidos nos vários cargos da Igreja para o próximo ano. Temos de os ver sem qualquer sentimento de ordem meramente pessoal: nem simpatias, nem parentesco, nem favoritismo, nem compadrios. Silenciemos qualquer aspecto negativo: antipatia, inveja... que porventura pretendesse impor-se como oposição — pois tal atitude não seria de influência divina; muito pelo contrário!

Diz-nos, ainda a Mensageira do Senhor: «Devem procurar-se homens eficientes e consagrados, os quais se devem animar a unir-se aos que têm responsabilidades».

Ninguém se deve ressentir, mostrando-se amuado ou deixando de participar nas actividades da Igreja, se não for escolhido para determinado cargo que, porventura, ambicionara, ou se não for reconduzido para o mesmo cargo que ocupava.

Muitas vezes — quando assim se procede — somos levados a rejeitar a escolha feita pelos nossos irmãos que nos conhecem melhor do que nos conhecemos a nós próprios. Ninguém pode ser bom juiz na sua própria causa.

A Igreja vai escolher os novos oficiais para o próximo ano, seguindo, assim, a forma de governo eclesiástico chamada representativa. Tal escolha deve ser livre e de acordo com as normas que nos foram deixadas através do Espírito de Profecia. Lemos, efectivamente: «Grande cuidado se deve exercer na escolha de oficiais para as igrejas. Que estes sejam homens e mulheres inteiramente convertidos. Escolham-se os mais habilitados, aqueles que são capazes de servir tanto pela palavra como pelos actos. Há uma profunda necessidade de trabalho em todos os ramos». — **Testemunhos**, vol. 6, pág. 85.

«É essencial que os membros da Igreja sejam educados de tal forma que se venham a tornar interessados, dedicados e eficientes obreiros para Deus; e é, só assim, que a Igreja pode evitar tornar-se inútil e morta... Todo o membro da igreja deve tornar-se um obreiro activo uma pedra viva, espargindo luz no templo de Deus». — **Review and Herald**, de 2 de Setembro de 1890.

Na escolha dos novos oficiais não olhemos para o homem, nem para os nossos sentimentos pessoais, mas sim e apenas para os interesses de Jesus, representados na evangelização e salvação das almas.

Vosso no Senhor,

A. BAIÃO

Pensamentos

sobre a

POSSESSÃO

DEMONÍACA

Pastor A. D. Gomes

CREIO sinceramente no Universo dos Invisíveis; creio porque não posso vê-lo praticamente mas tenho da sua existência provas científicas. Se a Bíblia descreve a existência de seres invisíveis e sobrenaturais, é mais uma das minhas razões para nela acreditar. Caso o amável leitor queira saber quais sejam essas minhas provas científicas, peça-mas que lhas enviarei na volta do correio.

Por vezes, encontro na Bíblia afirmações de linguagem humana que não posso aceitar porque, tomadas à letra, são contra-sensos. Quando tal se dá, trato de ver o que, detrás delas, deve ser o pensamento do escritor inspirado. A Bíblia não está escrita em linguagem científica, muito menos na médica, mas na das aparências, que é até empregada pelos maiores sábios, na vida quotidiana. Todos eles dizem que «o Sol está a nascer», embora saibam muito bem que o Sol «não nasce coisa nenhuma». Para as Ciências, Deus deu ao ser humano inteligência suficiente; a Bíblia revela apenas as verdades espirituais e morais que transcendem a nossa capacidade intelectual.

Baseado nestes princípios fundamentais, peço licença para dar alguns pensamentos sobre a Posseção Demoníaca, tal como a encaro, apoiado na Bíblia e na prática. Vale a pena gastar alguns momentos neste assunto, porque, além de ser uma realidade da vida, ninguém está livre de contactar com este fenómeno e até lhe sofrer as consequências, quer na sua pessoa quer na dos seus familiares.

1) Quando o povo depara com um indivíduo que espanca mulher e filhos, quer deitar ou deita fogo à sua casa, diz e faz coisas estrambóticas, etc.,

como define ele este fenómeno desagradabilíssimo? De duas uma: ou diz que tal indivíduo «está maluco» ou que «tem o diabo no corpo»! O povo não é estúpido; pelo contrário, é o maior filósofo de todos os tempos, porque a sua filosofia não se estriba em concepções teóricas mas na sua prática secular. Uma coisa é certa: para o povo, «ter o diabo no corpo» e «estar maluco» são uma e a mesma coisa.

2) Quando as famílias levam aos médicos estes indivíduos, que dizem eles, como diagnosticam este estado anormal? Por felicidade, temos vários médicos adventistas em Portugal; acreditam na existência do diabo e dos «diabinhos» mas, de certeza, diagnosticam logo uma doença cerebral, com qualquer dos nomes esquisitos do dialecto médico e, muito naturalmente, em vez de dizerem que o indivíduo está «possesso do demónio», remetem-no para as clínicas psiquiátricas e manicómios. Donde se concluirá que concordam com o povo: «ter o diabo no corpo» é o mesmo que «estar maluco».

3) Como procedem os religiosos, por exemplo os crentes no Cristianismo? Acreditam que todos os males, incluindo portanto todas as doenças, são resultantes da acção diabólica. De Deus só pode provir o que esteja de harmonia com a Sua essência. D'Ele não pode provir mal algum mas apenas o que seja Bem. Ora, quando um desarranjo intestinal, uma pneumonia, uma apendicite, etc., surjam, em vez de procurar esconjurar o diabo — autor desses males — vão ao médico, à farmácia, às mesas de operação cirúrgica! Só quando o sistema nervoso se desarranja é que se lembram de que devem ser o diabo e os anjos maus que estão metidos dentro do doente, e esquecem-se de fazer o que em geral fazem com os outros desarranjos do organismo.

Uma vez perguntei a um nosso irmão na fé que razões tinha ele para dizer que «X» «tinha o diabo no corpo». Respondeu-me: «Ele é o próprio a dizer que é o diabo». Retorqui-lhe: «Pois é! Há casos em que tais indivíduos dizem que são imperadores e até o Messias e você não acredita em tal mas diz que 'eles estão malucos'! Explique-me lá como é que pode acreditar que «X» tenha o diabo ou seja o diabo só pelo facto de dizer que é ou o tem.» Claro que não deu explicação nenhuma que mereça ficar registada.

4) Um cristão, como eu, acredita no mundo invisível de seres sobrenaturais, entre os quais os Anjos Bons, o Espírito Santo. Que sabemos nós da sua maneira de agir em relação aos humanos? Naturalmente, o que a Bíblia narra. Vejamos então:

a) Sobre os Anjos Bons, há numerosos textos bíblicos que os apresentam até materializados a contactar com os seres humanos. Por exemplo: com a Virgem, com o sacerdote Zacarias, com os pastores de Belém, etc. O que **em parte nenhuma** a Bíblia diz é que os Anjos Bons tivessem penetrado **dentro do corpo** de qualquer ser humano! Pelo contrário, aproximam-se dele, falam com ele, estabelecem contactos através dos seus centros de pensamento, ou centros nervosos. E o mesmo

se dá até nas visões dos profetas de toda a Bíblia: não penetram no corpo deles mas aproximam-se deles e com eles dialogam.

b) O Espírito Santo, a 3.ª Pessoa da SS. Trindade, é apresentado por vezes na Bíblia sob aspectos de materialização. Por exemplo: no baptismo de Jesus, no Pentecostes sobre os Apóstolos. Nestes dois casos, diz a Bíblia que o Espírito Santo **tivesse penetrado dentro** de Cristo ou dos Apóstolos? Parece-me que não diz. Com efeito, no caso de Jesus diz: «O Espírito Santo **desceu sobre Ele**, em forma corpórea, como uma pomba...» (Luc. 3:21). O que não diz é que a pomba **tivesse penetrado** na cabeça de Jesus mas diz apenas que **desceu sobre Ele!** De resto, como Pessoa Divina, o Espírito Santo tem todos os atributos da Divindade que «nem o céu, nem o céu dos céus podem conter» (I Reis 8:27), nem o vasto Templo de Salomão. Como poderia, então, Ele ser contido dentro de uma cabeça humana?

c) No Pentecostes, diz: «Foram vistas por eles línguas repartidas, como de fogo, as quais **pousaram sobre cada um deles**. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.» (Act. 2:3-4). (Nota: o verbo traduzido por «foram cheios» é dado nos dicionários como «ser cheio mentalmente», «ficar sobre a completa influência de...») O texto bíblico nem diz que as línguas de fogo fossem o Espírito Santo nem tão-pouco diz que tais línguas **tivessem penetrado** dentro da cabeça dos Apóstolos mas simplesmente que **repousaram sobre eles**. Que poderia ter acontecido se tais línguas de fogo tivessem penetrado dentro das suas cabeças? Quando uma língua de fogo de uma fâsca eléctrica penetra na cabeça humana sabemos muito bem o que acontece. O que o texto diz é que «ficaram sob a completa influência do Espírito Santo».

d) De resto, o que Cristo prometeu aos Apóstolos, não foi que o Espírito Santo **penetraria** dentro deles mas apenas **receberiam a virtude** do Espírito Santo» (Act. 1:8). E de harmonia com estes textos poderíamos ver que toda a Bíblia ensina a mesma doutrina. O Espírito Santo guia, ensina, está no meio da Igreja, sem que para tal precise de penetrar dentro de qualquer corpo humano. Queira o leitor examinar bem qualquer texto que pareça dar a ideia de penetração dentro do corpo humano e ver que não é bem assim. Nem podia sê-lo!

e) Ora, se os Anjos Bons e até o Espírito Santo, em parte nenhuma da Bíblia são apresentados a penetrar dentro dos corpos humanos, como é que se poderá conceber que o diabo e anjos maus possam penetrar dentro deles? Será concebível que diabo e anjos maus tenham poderes que não existem ou, pelo menos, não se manifestam no Espírito Santo e nos Anjos Bons? O que me parece mais lógico é que, quando muito, aqueles só poderão ter o mesmo poder destes: contactar com os seres humanos através dos seus centros nervosos e assim desarranjar a sua máquina pensante. Só mais um exemplo: quando o diabo tentou Jesus como é que fez? Penetrou dentro de Jesus? Não! Diz a Bíblia:

«O diabo chegou-se a Ele» e depois com Ele dialogou. E quando Jesus lhe ordenou: «Vai-te, Satanás!» ... pôs-se ao largo!

f) Não é de admirar, portanto, que os médicos constatem o que de facto se dá: desarranjo dos centros nervosos, cuja origem infelizmente na maioria dos casos eles não sabem determinar mas procuram **fortalecê-los** de forma a evitar as influências causadoras. Os médicos e, em particular, no nosso caso, os psiquiatras são uma espécie de anjos-humanos que Deus utiliza no combate às doenças, assim como utiliza a Igreja no combate ao mal moral. Religiosamente, toda a doença é manifestação da acção satânica e, conseqüentemente, quando ela se manifesta em desarranjos do sistema nervoso parece lógico que procedamos da mesma maneira recorrendo aos médicos. Não é assim que procedemos quando precisamos vencer, por exemplo, um desarranjo intestinal? Pedimos a Deus que nos alivie mas, ao mesmo tempo, vamos ao médico ou à farmácia à procura de medicamento capaz.

5) Certamente, o diabo e anjos maus exercem as suas influências sobre os seres humanos para o mal — a única coisa de que são capazes — como os Anjos Bons e o Espírito Santo as exercem para o bem. Sempre que vivamos em transgressão voluntária ou involuntária das leis de Deus enfraquecemos o nosso organismo e predispomos-nos às influências satânicas. Donde, a necessidade de ouvir os conselhos da Igreja Verdadeira, baseados na Bíblia, de recorrer à oração em que se peça a inteligência própria e a dos médicos. Foi o que Cristo aconselhou: «Esta casta de demónios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum» (Mat. 17:21) (Nota: «não se expulsa» = «não é afastada para longe»).

Além de que Cristo ensinou e nós cristãos acreditamos que o diabo é um inimigo em franca derrota: «Senhor, em Teu nome até os demónios se nos sujeitam». E Jesus disse-lhes: «Eu via Satanás, como um raio, cair do céu!» (Luc. 10:17, 18). Para que o diabo, em retirada e já vencido, se afaste de qualquer ser humano, é apenas preciso uma coisa: «Resisti ao diabo e ele fugirá de vós» (Tiago 4:7). Basta resistir-lhe! E como resistir? Procurando obedecer às leis da saúde corpórea, aconselhadas pela ciência médica, às leis morais aconselhadas pela Igreja, pegando em todas as armas espirituais: «Revesti-vos de toda a armadura de Deus para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo...; cingir-se da Verdade, pôr a couraça da Justiça, basear-se no Evangelho da Paz, tomar o escudo da Fé, o capacete da Salvação, a espada do Espírito que é a Palavra de Deus, orar em todo o tempo...» (Efés. 6:11-19). Quem isto faça sairá vencedor de todos os ataques satânicos!

6) Como deverá proceder um cristão e sobretudo um ministro do Evangelho perante um caso de desarranjo mental ou, noutros termos, de um autêntico caso de «possessão demoníaca»? Por certo deverá haver uma maneira boa e útil, o que equivale a dizer que pode haver outra má ou menos boa. Cada um é livre de escolher a que lhe pareça melhor. Com certeza, ninguém levará a mal que lhe

diga qual é a minha, adquirida pela meditação e pela experiência.

a) Chamado junto de um tal «possesso», indago logo da família se já procurou o socorro médico especializado. Se não, aconselho a que recorram a ele o mais depressa possível porque, se houver tratamento útil, é falta de bom senso não o procurar. Não é verdade que nenhuma cristã rogará a Deus que lhe faça a sopa? Porque não? Porque Deus não faz o que nós podemos fazer. Para que incomodar Deus quando ela mesma pode pôr ao lume a panela com os respectivos ingredientes?

b) Também não me precipito logo a concordar com os que digam que se trata de um caso de «possessão demoníaca». Se me disserem que assim é porque já procuraram auxílio médico que não tem resultado, lembro-lhes que há doenças renitentes e que as de carácter nervoso são as mais renitentes, a reclamar muita paciência e longo tratamento. Haja fé em Deus, oremos-lhe para que conceda resistência ao doente e inteligência aos médicos.

Não me parece aconselhável declarar ou concordar logo que se trata de «uma possessão demoníaca»; que seja resultante de uma acção satânica, disso estou tão certo como aliás para qualquer enfermidade. Quem lucraria com uma tal afirmação minha? O atacado nada lucraria. A família podia ficar aterrizada e a minha missão é acalmar e nunca excitar ou aterrorizar.

É certo, várias vezes tenho observado, que alguns irmãos na fé vêm logo o diabo dentro de um doente que perde os sentidos, estrebucha, diz e faz coisas disparatadas. Tais irmãos são muito inteligentes, têm uma visão muito apurada que, feliz ou infelizmente, não tenho nem quero ter. Para mim, tal pessoa é um doente manifesto que não necessita de berros «Sai dele ou dela Satanás!» mas de uma atmosfera de paz e de calma. Claro está que esta é a opinião da minha ignorância invencível de que peço perdão aos meus irmãos.

Mas tenho também as minhas experiências. Uma ocasião, um bom e fiel membro de uma das nossas igrejas apareceu com sintomas que foram logo diagnosticados por uns dos tais irmãos como «possessão demoníaca». O nosso pobre irmão «tinha o diabo no corpo». Quem não concordou com este diagnóstico foi o psiquiatra a que a família teve o bom senso de o levar. Tratou-o com electrochoques e ... **curou-se definitivamente!** E eu disse cá com os meus botões: que espécie de demónio era aquele que fugiu diante de umas faíscas eléctricas?!

c) Quando subo à tribuna de uma igreja tenho bem presente de que a minha missão é estabelecer, dentro da verdade, uma atmosfera que fortifique «a esperança, a fé e a caridade». Não me esqueço de que se Jesus prometeu estar onde dois ou três estivessem reunidos em espírito de oração, Ele tem de estar forçosamente dentro da Congregação de dezenas ou centenas de Seus discípulos que lhe oram e cantam louvores. Ora, leio nos Evangelhos que quando Cristo entrava por uma porta o diabo tinha de sair talvez pela janela. O diabo e os anjos maus não podem suportar a presença de Cristo. Não há dúvida de que Satanás entrou ou

apoderou-se de Judas junto de Jesus mas ... porque aquele assim o quis. E nenhum cristão que venha em bom espírito à igreja quer nada com o diabo e muito menos qualquer pobre doente que a ela venha, em geral sempre à espera de ânimo e consolação. Subo à tribuna para proclamar o Evangelho, isto é a Boa Nova da salvação e libertação do mal e não para tomar qualquer texto evangélico que me dê o pretexto de aleiloar as façanhas de Satanás. Sobretudo se suspeito da presença de qualquer doentinho deste tipo, proclamo que «os anjos de Deus se acampam ao redor dos que O respeitam e os livram» de todos os ataques do diabo e anjos maus sobretudo. Se muitas vezes os médicos não alcançam curar de imediato as doenças, por vezes até dizem aos familiares que a doença é incurável. Pois mesmo assim temos de ter fé em Deus porque as «coisas impossíveis aos homens são sempre possíveis a Deus». Haja esperança e fé. Nem um só cabelo cai da nossa cabeça sem que o Pai celeste não saiba e não actue.

Se aleiloasse os poderes e façanhas de Satanás, o doente nervoso que estivesse na congregação pensaria que talvez «tivesse o diabo no corpo» e que, sendo assim, estava irremediavelmente perdido. Resultado: uma violenta comoção cerebral, um ataque nervoso, estrebuchamento, frases disparatadas, uma revolução na Congregação que, esta sim, seria verdadeiramente diabólica. Mais de uma vez tenho assistido a tais espectáculos que não me agradam nada.

d) Também tenho verificado que nestes casos diagnosticados por leigos em medicina como «possessão diabólica» não é o momento oportuno de combate a erros doutrinários se o doente e familiares seguem um Cristianismo diferente do nosso. Têm um crucifixo ao peito, um rosário à cabeceira, uma imagem do Senhor ou de qualquer santo? Não faço esforço nenhum em respeitá-los. Mas não direi que são instrumentos diabólicos. Como poderei dizê-lo? Não é verdade que os nossos livros estão cheios de imagens ou gravuras de Cristo e de cruzes? Não as consideramos como instrumentos diabólicos, pois não? Então como considerar assim as semelhantes em casa de crentes de outras igrejas? Quanto a mim, tenho a ideia talvez tola de que vale muito mais uma fé, mesmo diferente da nossa, do que uma ausência total de fé. Aproveito a oportunidade de lhes apontar para o crucifixo ou para a imagem de Jesus para lhes insuflar mais fé em Deus e em Cristo. Para tudo há momento oportuno. Lá chegará esse momento em que poderemos falar mais calmamente da Verdadeira Doutrina Cristã.

Muito mais teria a dizer mas vejo que este artigo já é demasiado longo.

7) É natural que o amável leitor queira perguntar-me: «Mas então como é que você interpreta este ou aquele trecho dos Evangelhos, em que se fala de «endemoninhados?» Queira dizer-me qual e eu lhe indicarei com toda a sinceridade como leio e compreendo. E até lá continua vosso modesto irmão em Cristo

A. Dias Gomes

PORQUE DEIXEI A REFORMA

Após 38 anos no Movimento da Reforma, o irmão **Helmuth Rudolfo SCHNEIDER** abandonou o fracassado movimento separatista, no dia 11 de Maio de 1974, integrando-se na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Fora ordenado ao pastorado reformista em 1962 no Brasil, onde exerceu o cargo de presidente da Associação Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia — Movimento da Reforma Original de 1914.

DOU graças a Deus por me haver tocado o coração com o Seu Espírito, não me deixando em confusão.

Desde que me entendo por gente, fui reformista. Eu não sabia outra coisa senão que a Igreja Adventista era uma **igreja apostatada** e que o Movimento da Reforma era a verdadeira **Igreja de Deus**. Só ouvia falar na apostasia da Igreja Grande e que a Reforma era um movimento profético.

Foi em 1951, quando ainda muito jovem, que ouvi de uma separação no Movimento de Reforma. Chegou-me às mãos uma carta, dizendo que o irmão Kozel e outros mais haviam apostatado e que ocorrera uma separação. Começaram então também horríveis e tremendas lutas de reformistas contra reformistas, pois este movimento dividiu-se, formando duas Associações Gerais, dois movimentos completamente distintos, mas ambos se referindo à sua origem em 1914. As acusações mútuas eram as mais vergonhosas, dividindo famílias, igrejas, o que levou muitos a perderem a fé.

Em 1953, houve a divisão da Reforma na igreja do Cambira, Apucarana, Paraná. Desde então havia naquele lugar três grupos que guardavam o sábado. Muitas vezes, esses grupos se encontravam a caminho da Escola Sabatina, e surgiam fortes discussões.

O irmão Emílio Döhenert, dirigente de um pequeno grupo de adventistas na localidade, procurou provar que esses movimentos não

eram amparados por profecias e que só havia fundamento profético para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Os anos se passaram, e só mais tarde pude entender que o irmão Döhenert tinha razão.

Desde 1953, o irmão Albert Müller dirigia o Movimento da Reforma, ou melhor, o movimento kozelista, no Brasil.

Fui estudar na Alemanha, em 1956. Dois anos depois, ao concluir os estudos na escola missionária da Reforma, estava convicto de que o movimento do irmão Kozel era verdadeiro. Nesse tempo conheci a minha esposa. Em 1958, voltámos ao Brasil. O Sr. Dagoberto Molina, pastor reformista, dirigia e ainda dirige a Obra (movimento kozelista) no Brasil. Éramos poucos em número, mas grandes em planos. Queríamos conquistar os adventistas e os reformistas nicolicistas, assim chamados por pertencerem ao movimento de D. Nicolici.

Foi então que fomos morar na Cidade Patriarca, na Capital Paulista. E sempre estávamos convictos de que estávamos fazendo a Obra de Deus. Procurávamos obter endereços para visitarmos as famílias. Auxiliava-nos nesse trabalho o Sr. A. Graviotto e, em época de conferências, até mesmo o Sr. Kozel. Havia polémicas e discussões que se estendiam de 10 a 16 horas por dia, com vergonhosas acusações de ambos os lados. O esforço também não ficou sem êxito.

Em 1962, fui ordenado pastor pela Igreja da Reforma.

Pouco depois, foi adquirido um terreno em Vila Ré, na capital paulista, para a construção de uma igreja. Os poucos irmãos que havia fizeram grande sacrifício, especialmente os de Cambira. Mas grande parte dos meios para a construção foi subvencionada por irmãos da Alemanha. Durante as cerimônias de inauguração, fui eleito presidente da Associação Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia — Movimento de Reforma Original de 1914. Auxiliado pelo Pastor Dagoberto Molina, obreiros e colportores, estendemos o trabalho a diversas partes do país: Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Uberlândia e Goiânia. Estávamos sempre, em nossas viagens, com uma pesada mala cheia de documentos e fotocópias, e não receávamos encontros com os outros reformistas.

Vencido o meu mandato como presidente, fui reeleito. O meu estado de saúde, porém, tornou-se precário. Pedi férias por três meses e vim com a minha família para a Alemanha. Voltei, pouco depois, para o Brasil. Como o meu estado de saúde era precário, pedi transferência para a Alemanha.

Nessa ocasião, um grande número de irmãos da igreja do Cambira, em Apucarana, decidiu-se pela Igreja Adventista. Não pude compreender tal atitude.

Na Alemanha fiquei quase um ano sem poder trabalhar. Quando melhorei, fui novamente chamado a trabalhar na obra. Fui várias ve-

zes a Portugal, acompanhando pastores, como intérprete.

Em Portugal tinha-se unido novamente ao Movimento da Reforma um grupo com mais de 100 almas as quais, em 1948, se haviam separado da Reforma, encabeçadas pelo Sr. Rick, e afirmavam ser elas a verdadeira igreja de Deus. (O Sr. Rick separou-se por não ter sido eleito presidente da Associação Geral em 1948, e, assim, fundou para si uma nova igreja, tendo bons exemplos desde 1914).

De três em três meses, eu ia a Portugal e à Espanha.

Houve nesse tempo um grande descontentamento entre os reformistas na Europa, especialmente na Alemanha. E muitos começaram a estudar com maior cuidado os testemunhos do Espírito de Profecia. Eu mesmo mudei o meu sistema: não mais com aquela lente reformista. Lia-os agora em conjunto e não mais uma linha aqui e outro trecho acolá.

Como mencionei na vez anterior, mudei o meu sistema de estudar os testemunhos da irmã White. Cheguei à conclusão de que muitos deles eram por nós reformistas mal aplicados e mal interpretados. Falei com vários amigos e pastores sobre o meu pesar, sem, todavia, duvidar do Movimento da Reforma, apesar de ter visto centenas de reformistas indo para a Igreja Adventista. Muitas vezes me sentia inquieto. Procurava, nessas ocasiões, ver os defeitos da Igreja Adventista. Vários amigos, e mesmo familiares, já se haviam decidido pela **Igreja Grande**.

Certo dia, em Portugal, fui à Editora Adventista. Ali, muito bem atendido, perguntei se havia livros novos ou recém-traduzidos, da profetisa. Os meus olhos logo caíram sobre os volumes de **Mensagens Escolhidas** e outros mais que eu ainda não possuía. Comecei a ler. Entretanto, como pastor reformista,



O irmão Helmuth Schneider com a sua família

duvidei da tradução. Fui a um amigo que tinha os volumes em inglês, e comparámos página por página, mas tudo concordava, até mesmo as páginas. Isto tocou-me o coração. Falei com os irmãos dirigentes, meus superiores, e disse-lhes que eu não podia continuar como pastor reformista em virtude de ter dúvidas quanto ao movimento. Citei **Mensagens Escolhidas**, vol. 2, p. 66: «A mensagem que declara a Igreja Adventista do Sétimo Dia Babilónia, e chama o povo de Deus a sair dela, não vem de nenhum mensageiro celeste, ou nenhum instrumento humano inspirado pelo Espírito de Deus». Na página seguinte, li: «Direi no temor e amor de Deus: Sei que o Senhor tem pensamentos de misericórdia para restaurá-los de todas as suas prevaricações. Ele tem uma obra para a Sua igreja fazer. Eles não devem ser declarados Babilónia, mas o sal da terra, a luz do mundo. Devem ser mensageiros vivos para proclamar uma

mensagem viva nestes últimos dias». Li também trechos das pp. 69 e 406. O último, por exemplo, diz: «Sou animada e beneficiada ao compreender que o Deus de Israel ainda guia Seu povo, e que continuará a ser com eles até o fim».

Estas foram as palavras da profetisa à Assembleia da Associação Geral de 1913. Ora, como é possível que Deus, um ano mais tarde, tenha rejeitado a Sua igreja, como dizem os reformistas?

Estes e outros testemunhos me tiraram os fundamentos reformistas de debaixo dos meus pés. E por não mais poder defender o Movimento de Reforma e por reconhecer que é um movimento sem profecias, o qual não pude defender em sã consciência, renunciei ao meu cargo. Não fui deposto do meu cargo; renunciei-o voluntariamente, continuando, todavia, por algum tempo como membro, aprofundando-me cada vez mais no estudo da Bíblia e dos Testemunhos.

Minha esposa e filha já se haviam decidido pela Igreja Adventista. Entretanto, chegou o momento em que não mais tive paz no coração. E, na minha última pregação no Movimento de Reforma, apresentei as profecias do Espírito de Profecia de que a Igreja Adventista do Sétimo Dia permaneceria como Igreja até o fim, sim,

«Quando penso no passado, só lamento ter trabalhado contra a Igreja Adventista, também em Portugal. Peço a Deus e tenho a certeza de que Ele me perdoa o tempo de cegueira. Se Deus o permitir, um dia irei a Portugal para visitar os irmãos ainda extraviados.»

até à volta de Jesus. E disse que, se aceitássemos a irmã White como uma profetisa enviada por Deus, não poderíamos duvidar da Igreja Adventista como Igreja de Deus. Havia muito que eu esperava ser excluído do Movimento de Reforma, mas, como os líderes de lá não faziam nada nesse sentido, vi a indecisão deles, que me pareceu sintomática.

Poderia citar muitos testemunhos. Mas o meu apelo é dirigido a todos os irmãos reformistas, tanto de um como de outro partido, para que abandonem essa tremenda luta de supremacia entre uns e outros, e, de maneira especial, que deixem de trabalhar contra os Adventistas, pois quem luta contra a Igreja Adventista, luta contra Deus.

«Debilitada e defeituosa, necessitando constantemente ser admoestada e aconselhada, a igreja é, não obstante, o objecto do supremo cuidado de Cristo». — **ME**, vol. 2, p. 380.

Há um ano e meio que sou membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, após 38 anos de Reforma.

São muitos os reformistas que deixaram aquele arraial. Mas, especialmente, sinto-me feliz por meus familiares — minha esposa, pais, irmãs, cunhado e sobrinhos que vivem em Ubiratã, Paraná, os quais como família estão unidos em torno da verdadeira Igreja.

Aqui na Europa, centenas de reformistas já abandonaram o movimento espúrio e hoje são membros da nossa Igreja. Dos pastores que conheço, nove estão connosco agora.

Faz dois anos que, pontualmente, recebo a **Revista Adventista**, editada no Brasil. Grande foi a minha alegria ao ler sobre o despertar que está ocorrendo entre os reformistas brasileiros. Li, com emoção, os artigos dos irmãos E. Kanyo, J. Laerte Barbosa, Cyro Erthal, Wilmur Medeiros e outros.

Faz pouco tempo, mais três famílias amigas, aqui da Alemanha, deixaram a Reforma. Não posso deixar de mencionar como o Espírito Santo está operando em Portugal, pois ali vários irmãos também fizeram a sua decisão.

Oremos, com sinceridade, pelos irmãos que ainda estão enganados.

H. R. Schneider

No passado mês de Junho baptizaram-se em Umuarama, no Brasil, mais 12 ex-reformistas, entre os quais a irmã Hedwig Schneider, de quem se publica a seguinte carta dirigida ao actual dirigente da Reforma no Brasil, pedindo a sua separação daquele movimento:

São Paulo, 25 de Junho de 1976

Ilmo. Sr.

Dagoberto Molina (Igreja da «Reforma»)
Rua Santo Henrique — Vila Ré
SÃO PAULO, SP.

Prezado «pastor»:

Sendo filha de pais reformistas, faz agora 50 anos que tenho convívio com os chamados movimentos de «reforma». Na Alemanha tomei conhecimento minucioso da separação dos «dois por cento», de 1914, bem como, em conversa com o irmão Kissner e outros, inteirei-me a respeito da outra separação (20 de Maio de 1951 na Holanda), no seio do próprio «movimento».

Destacados egressos de ambos os movimentos têm-me auxiliado na melhor compreensão da Verdade Presente contida exclusivamente na Bíblia e nos livros do Espírito de Profecia, podendo citar, entre outros, o Dr. Liemann, o pastor Albert Mueller, etc.

Como sabem, como resultado da penetração da ideologia reformista entre os meus, a família sempre esteve dividida entre Adventistas do Sétimo Dia (Movimento legítimo de 1844), reformistas (movimento de 1914) e reformistas (movimento de 1951). Não fosse essa penetração, por certo os membros da minha família seriam todos adventistas, ou, na pior das hipóteses, adventistas e não-adventistas declarados, o que obviamente representaria uma divisão justificável, mesmo porque seriam apenas duas alas plenamente distintas, e não três ou quatro um tanto semelhantes como lamentavelmente continua acontecendo.

Agora, depois de 50 anos de peregrinação longe do lar dos verdadeiros crentes, estou já incluída entre os membros da **IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, o remanescente de Deus nos dias actuais**. Fui baptizada em Umuarama pelo pastor Diomar Pereira dos Santos no último dia 19, juntamente com outros onze egressos do movimento que desde 1951 foram solidários com o movimento liderado pelos Srs. D. Nicolici e A. Lavrik. Por muito tempo cheguei a crer que pertencendo, como até recentemente, ao movimento liderado pelos Srs. C. Kozel e A. Craviotto eu estaria certa, porém agora vejo com nítida clareza que o correcto não é uma coisa nem outra, mas sim (o correcto é) pertencer ao Movimento dirigido por Deus através do Espírito de Profecia na pessoa da irmã **Ellen G. White**, profetisa da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Ao mesmo tempo em que peço o meu desligamento definitivo, declaro ter sido esse um passo difícil por causa da profunda amizade para com os irmãos que atrás ficam por agora, pois estejam todos certos de que espero a mesma decisão dos reformistas em geral em favor da **verdadeira igreja de Deus, a Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Por isso estou orando constantemente para que os irmãos também compreendam a Verdade Presente como ela realmente é, e não como certas mentes pretendem que ela seja, a fim de que nos preparemos juntos para em breve possuímos o Reino Eterno.

Fraternalmente
Hedwig Schneider

PLANO

DE

CINCO DIAS

para deixar

de

FALAR

DA VIDA

ALHEIA

BENITO RAYMUNDO

CURSO INTENSIVO - III

INICIAREMOS hoje, propriamente, o nosso Curso Como Deixar de Falar da Vida Alheia em Cinco Dias.

Serão cinco dias de meditação, de jejum e oração, pois esta casta de demónios não se expulsa apenas com argumentos.

É necessário que haja profundo arrependimento e genuína conversão para que esta erva má seja extirpada do nosso meio pela raiz.

Um homem nunca deixará de usar a sua língua para o mal, para açoiar os seus conservos, enquanto não nascer de novo no reino de Deus. O velho homem é sempre mau, esteja ele adornado com a aparência de piedade ou vestido de andrajos na sua simplicidade brutal! Mau de obras, mau de pensamentos, mau de palavras, mau de intenções, mau, continuamente mau! E o pior de tudo é que esta maldade é comunicativa.

«Os ímpios são como o mar bravio que se não pode aquietar e cujas águas lançam de si lama e lodo», sujando e conspurcando tanto os que se encontram próximos como os mais afastados e distantes.

O ímpio tem prazer em propagar as faltas que descobre num irmão, como quem se alegra ao saborear um delicioso manjar. Se, porém, não as descobre, cria-as na imaginação como o fez, no Céu, o rei e pai da mentira, patrono e protector de todos os boateiros.

— Pastor, com licença! Essa espécie de pessoas existe na Igreja, ou o irmão está a referir-se ao ímpio que não conhece a Deus?

— Irmão Manuel, na Igreja existe de tudo. A rede do Evangelho apanha peixes bons e maus e trá-los todos para o mesmo barco. Ninguém se deve escandalizar com isso. Esta é, infelizmente, uma verdade várias vezes repetida nas Escrituras. O joio medra exube-

rante no meio do trigal e os lobos disfarçam-se de mansas e humildes ovelhas!

Acompanha hoje o povo de Deus, na sua jornada para o Céu, como sempre o acompanhou através da História, uma mistura de gente, como aquela que acompanhou Israel na sua jornada para Canaã; mistura de homens e mulheres que se envolvem com o pecado, eternos descontentes, murmuradores profissionais, caluniadores, atrevidos, desafeiçoados, implacáveis, sem domínio de si mesmos, cruéis, irreconciliáveis, que aprendem sempre sem chegar ao conhecimento da verdade, tendo a aparência da consagração, para lhes servir de capa. (II Tim. 3:16.)

Estes são os que causam dissensões nas igrejas, resingões, hábeis curtidores de toda a espécie de raiz de amarguras, mestres em embalsamar e mumificar rancores e ressentimentos que resistem por gerações! Metalúrgicos especializados em fundir palavras abrasivas, temperadas e retemperadas na bigorna incandescente do despeito e da inveja ... sempre dispostos a voltarem ao ponto de onde nunca partiram, junto às panelas de carne e da idolatria do Egipto.

Oh! como nos alegraríamos neste Caminho e como faríamos estremer a Terra se entre nós houvesse mais pessoas que soubessem escrever na areia os pecados dos seus irmãos! E quantas pedras cairiam das mãos dos modernos fariseus que insistem em purificar a Igreja atirando pedras e espargindo lama, se pudéssemos ouvir o Senhor perguntar outra vez: «Onde estão os acusadores? Onde estão os santos, carregados de pedras? Onde estão os pseudo-reformadores que se alimentam do pecado do Meu povo e da mal-

Um homem nunca deixará de usar a sua língua para o mal, enquanto não nascer de novo no reino de Deus.

Nós dizemos que a língua é um grande mal, mas na realidade o mal está na cabeça, no entendimento.

dade dele têm desejo ardente?» (Oseias 4:8).

Senhor! Os acusadores, os santos carregados de pedras estão por aí espalhados entre os publicanos e pecadores, prontos a qualquer momento para apedrejar. Eles vêm à igreja, cantam e oram melodiosamente, mas trazem pedras na mão! Às vezes, chegam a ser estritos guardadores do sábado e dizimistas sistemáticos, mas não deixam de atirar pedras. Muitos deles são ardorosos missionários e até percorrem o mar e a terra para fazer um prosélito e, depois de o terem feito, o fazem duas vezes mais filho do inferno do que eles mesmos são (Mat. 23:15), porque lhes ensinam a tática diabólica usada pelo acusador dos irmãos: a tática de atirar pedras!

Eles estão por aí, Senhor, erguendo as mãos santas... carregadas de pedras sem saber que em vão Te adoram, cegos pelo grande pecado da desumanidade do homem para com o seu irmão. Enquanto parecem seguir princípios rijos como os dos puritanos e conservam uma aparência de santidade mais esmerada que a dos fariseus, levam pedras nas mãos para apedrejam os pecadores! São homens e mulheres que conhecem a Bíblia, e se ufanam de pertencer ao Teu povo! Doutores da lei, versados em todo o conhecimento da dispensação mosaica, para os quais a misericórdia é fraqueza e o perdão um aviltamento.

A esses e a todos quantos chegam aos lábios a taça asquerosa da difamação e da maledicência, dirigimos humildemente este curso, na esperança de salvar alguns. Vamos, pois, sem mais preâmbulos e prefácios, iniciar o nosso primeiro dia.

PRIMEIRO DIA

Decorar as seguintes passagens bíblicas para serem repetidas às refeições que virão, naturalmente, após o jejum dos dias do curso: **«Põe, ó Senhor, uma guarda à minha boca; guarda a porta dos meus lábios.»** Sal. 141:3. **«O que guarda a sua boca conserva a sua alma, mas o que muito abre os seus lábios tem perturbação.»** Prov. 13:3.

Levantar cedo e abrir as janelas do entendimento para meditar nas seguintes verdades:

As pessoas superiores falam sobre princípios.

As pessoas medianas falam sobre coisas.

As pessoas inferiores falam sobre pessoas.

Cada um deve localizar-se, mediante acurado exame de consciência, para saber em que faixa está operando:

Mediana?

Superior?

Inferior?

Para fazer o curso é indispensável ser inferior, isto é, o curso destina-se aos grandes faladores. Os sãos não necessitam de médico e sim os doentes (Mat. 9:12).

Pelos nossos cálculos, medindo as ondas... de boatos, eleva-se a milhares o número dos que vivem uma vida inferior. Se você é um deles, coragem! Nós estamos tentando empurrá-lo para cima. Coopere conosco! Não desista agora! Mais quatro dias apenas e você será outra criatura!

Passo o dia em profunda meditação, analisando o papel que o falador desempenha na sociedade e na igreja.

Nós dizemos que a língua é um grande mal, mas na realidade o mal está na cabeça, no entendimento. Do que há em abundância no coração (na mente), disso se ocupa a língua. (Mat.

12:34). Façamos pois um garga-rejo de malva-dos pensamentos adoçados com acú-ntos novos mais interessantes que as falhas e defeitos do próximo.

Leiam muito hoje... e sempre. Leiam pelo menos um livro por mês, além do estudo da lição e da leitura da Bíblia. «Mente vazia é oficina de Satanás.» E. G. W.

Não se esqueçam, porém, que a cultura só por si não evita o disse-disse. Existem grandes intelectuais cujas línguas cortam como navalhas! A cultura só abranda a fera que há no homem quando é santificada pela verdade. Cultura sem Deus faz inflar, envaidece e costuma criar as piores espécies de maldizentes que conhecemos. Tenham muito cuidado! É preferível ser um maldizente ignorante do que um maldizente culto. A ignorância limita o campo de ação e tem a vantagem de não merecer muito crédito. No primeiro dia, como também nos demais, não façam nem recebam visitas. Isolam-se! Até aprenderem a ver o lado bom das coisas e das pessoas!

Pensamento para o primeiro dia:

«Pode ser que seja duro, mas estou decididamente resolvido a deixar de falar da vida alheia.»

Procurem ir para a cama cedo, ao anoitecer. Durmam pelo menos doze horas por dia! Se todos os faladores dormissem bastante, o nosso pobre mundo teria mais paz! Voltem amanhã ao romper da aurora! Enquanto dormem, nós estaremos trabalhando para lhes mostrar um caminho mais excelente, onde cessam o ruído das línguas e o crepitar das metralhas envenenadas.

(Continua)

A REGRA APOSTÓLICA DE «DAR»

(Continuação da primeira página)

Supreendeu-se com a descoberta de que Deus tinha elaborado um plano. Precisou de algum tempo para encontrar a regra apostólica indicada nesta citação. Por fim descobriu que o apóstolo era Paulo e que a regra era a contida em I Cor. 16:2: «No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade, para que se não façam as colectas quando eu chegar» (2).

Enquanto reflectia sobre a regra do apóstolo, reparou em qualquer coisa que não estava certa na maneira de proceder da sua família. Na realidade davam erradamente, no lugar errado e no momento errado. Primeiro: esperavam até chegar o sábado para desembolsarem as suas ofertas para a obra de Deus. Segundo: era na igreja e não em casa que decidiam quanto haviam de dar. Terceiro: algumas vezes tinham dado na igreja o seu dinheiro e na loja o dinheiro da igreja. Apoderou-se rapidamente dela a convicção daquilo que se deveria fazer. O seu marido que, durante todo aquele tempo, não se tinha realmente sentido muito seguro, mostrou-se contente quando ela o pôs ao corrente das conclusões às quais havia chegado sobre o plano de Deus a respeito de dar. Na semana seguinte, logo que receberam, puseram-se a considerar em conjunto as bênçãos que Deus lhes havia concedido. Separaram o dízimo e decidiram pôr de parte como oferta 5 % dos seus ganhos.

No sábado imediato, marido e mulher estavam sentados na igreja um ao lado do outro. A mulher estava tão feliz que, passadas algumas semanas, propôs ao marido: «Querido, não pensas que poderíamos dar os 10 % de dízimo e mais 10 % como ofertas?»

Ele concordou e, como resultado, ela ainda se sentiu mais feliz na igreja. A última vez que a vi, disse-me que ela e o marido estavam a dar 10 % de dízimo e 15 % de ofertas! Porque, então, depois de darem muito mais do que antes, a infelicidade tinha desaparecido? Simplesmente porque se submetiam ao plano de Deus.

(1) Para uma descrição do plano da benevolência (ou beneficência) sistemática praticada entre os primeiros adventistas, ver «Benevolência sistemática no contexto histórico», de C. H. Betz, in «Review and Herald» de 1 de Maio de 1975.

(2) No contexto histórico, este passo refere-se a uma colecta a favor dos cristãos de Jerusalém, surpreendidos pela carestia. Paulo achava que o dinheiro devia ser recolhido antes que ele fosse a Corinto. No presente artigo, o passo em questão não é apresentado em relação com o próprio contexto, mas as suas palavras aplicam-se à responsabilidade corrente da mordomia cristã. O princípio «segundo a sua prosperidade» é, naturalmente, um princípio de carácter permanente. O texto contém, além deste, ainda outros princípios.

Muitos adventistas que frequentam a igreja e muitos que a não frequentam são infelizes pela mesma razão. Ignoram o plano de Deus e cometem o mesmo erro que aquele casal cometia.

Tenho contado esta experiência a muitos adventistas e reparei que todos quantos têm adoptado a regra apostólica obtiveram os mesmos resultados maravilhosos.

Outras experiências, outros resultados

Comparemos aquilo a que eu chamo o plano de Deus para a maneira de dar, com o que os homens muitas vezes seguem. Eles estão habituados a dar para projectos determinados. Como aquele de que vos falei, são solicitados a dar por urgentes apelos feitos pelos dirigentes das nossas igrejas. Assim a importância das ofertas depende da medida em que se estimula a emotividade dos membros. Muitas vezes, quando se recorre ao método da colecta «solicitada», se a soma recolhida se verifica ser insuficiente, procede-se a uma nova recolha de fundos. Por outro lado, se a quantia é suficiente ou se a necessidade particular do momento for satisfeita, pára-se de dar. Assim é frequente que a igreja mal consegue cobrir as despesas, ou até entra em défice, porque o apelo só se faz quando se precisa de dinheiro. Este método corresponde a um plano humano, não ao divino.

O plano de Deus prevê que todos possam dar segundo a prosperidade conseguida e que a sua contribuição seja um hábito independente de apelos especiais.

Fazendo aplicação das palavras de I Cor. 16:2 às nossas responsabilidades da mordomia presente, perguntamos: «Quando?» A resposta é: «**No primeiro dia da semana**». Ora, em geral, quando decidimos a importância que damos na igreja? Muitas vezes no sábado de manhã, no momento da colecta ou um pouco antes.

Citando I Cor. 16:2, E. G. White diz: «As instruções dadas pelo Espírito Santo por meio do apóstolo S. Paulo quanto às dádivas, apresentam um princípio que também se aplica ao dizimar» (Mordomia e Prosperidade, pág. 80). E prossegue: «E que tempo mais apropriado (que o primeiro dia da semana) se poderia escolher para pôr de parte o dízimo e apresentar as nossas ofertas a Deus? No sábado pensamos sobre a Sua bondade... E agora, antes que a lida de uma semana comece, devolvemos-Lhe o que Lhe pertence, e com isso uma oferta para demonstrar a nossa gratidão. Assim, a nossa prática será um sermão semanal a declarar que Deus é o possuidor de toda a nossa propriedade, e que Ele fez de nós mordomos, para a usarmos para a Sua glória» (Ibidem).

Pode acontecer que uma pessoa receba de quinze em quinze dias, ou todos os meses, ou irregularmente. Nestes casos respectivos, cada um poderá calcular o dízimo e as ofertas para Deus no momento em que recebe o dinheiro.

Façamos, agora, outra pergunta: «Quantos?» A resposta é: «Cada um de vós». A regra aplica-se a todos nós. E. G. White aconselha: «Pais e filhos são, aqui, incluídos. Não se dirige apenas aos ricos mas também aos pobres» (Ibidem).

A terceira pergunta é: «Onde?» A esmagadora maioria dos nossos membros decide na igreja a quantia que vai dar. Enquanto muitos preparam antecipadamente o dízimo, só poucos decidem a importância da oferta antes de entrar na igreja. A resposta à pergunta: «Onde?» é indicada por Paulo: «Cada um de vós ponha de parte, em casa». É em casa que se decide a soma que se quer dar. Ali, calmamente, podemos considerar as bênçãos que Deus nos concedeu e, sem influências estranhas, fixar a importância das nossas ofertas ao Senhor.

Notemos as seguintes citações: «Dar ou trabalhar quando são despertadas as nossas simpatias, e reter as nossas dádivas ou serviço quando as emoções não são estimuladas, é um rumo inseguro e perigoso.» (Mordomia e Prosperidade, pág. 25). Vejamos, muitas vezes damos as nossas ofertas à igreja porque somos solicitados a fazê-lo. Outra declaração: «Deus quer que o exercício da generosidade seja puramente voluntário... Ele não se agrada quando o Seu tesouro se enche forçadamente» (3T, p. 413). «Se não derem voluntariamente, por amor de Cristo, de maneira alguma será a oferta aceitável a Deus» (Mordomia e Prosperidade, p. 202). Como se vê, é importante tomar a nossa decisão no que diz respeito a dar, no lugar apropriado, isto é na quietude da nossa casa.

Isto, naturalmente, não quer dizer que os membros não devam ser informados acerca das necessidades gerais e particulares existentes ou previstas na igreja. Só estando ao corrente delas é que poderão distribuir de maneira inteligente as suas ofertas para assim suprir as várias necessidades. Ora, talvez a pergunta que mais vezes se faz a propósito de dar seja: «Quanto?» A resposta está na Escritura: «Cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade». Ninguém nos pode dizer quanto devemos dar; mas o plano de Deus é que, depois de termos orado e agradecido ao Senhor pelas Suas bênçãos, ponhamos de parte a oferta que entendemos dar-Lhe. A medida do nosso dar é a bênção de Deus. Assim ninguém pode ser influenciado por apelos humanos para recolha de fundos; e não só isso, mas a oferta não se dá ou se retém conforme os casos, porque damos a Deus na medida em que Ele nos abençoou, pondo de parte a oferta que destinamos à igreja. Deste modo, quando decidimos sobre os nossos dons e ofertas, demonstramos a nossa gratidão ao Senhor pelas Suas bênçãos.

Quando decidimos quanto do nosso dinheiro será dado ao Senhor em ofertas, Ele pode ver a fé que temos. Quando decidimos a importância das nossas

ofertas a Deus, determinamos as nossas futuras bênçãos. Recebemos uma orientação acompanhada com uma maravilhosa promessa: «Dai o que puderdes, agora, e, colaborando com Cristo, a vossa mão se abrirá para dar ainda mais. Deus, por Sua vez, fará que a vossa mão se encha, a fim de que o tesouro da verdade possa ser levado a muitas almas. Ele vos dará, para que possais dar aos outros» (OHC, p. 199).

O mínimo de apelos por dinheiro no sábado

A última pergunta é: «Porquê?» A resposta é esta: «Para que se não façam mais colectas quando eu for». Suponho que qualquer de nós já se sentiu, alguma vez, embaraçado em face dos pedidos de dinheiro feitos nas nossas igrejas ao sábado. Que mudança para melhor não se produz no culto da congregação que aceita e põe em prática o plano de Deus! Em vez de apelos «emotivos» por dinheiro e muitas colectas feitas na Escola Sabatina e durante o culto, cada membro já decidiu na sua casa o que vai dar, e assim não só se limita a levar consigo o estritamente necessário, mas dá segundo a medida das bênçãos que recebeu de Deus, isto é dinheiro mais abundante que servirá para o avanço da causa de Deus. Deste modo o sábado torna-se um dia de adoração e dar torna-se um prazer.

Procurámos sustentar a obra de Deus com colectas, mas a coisa não é possível. Sabeis qual é a diferença entre uma colecta e uma oferta? M. E. Rees disse: «Podereis dar sem amar: é uma colecta. Não podereis amar sem dar: é uma oferta». Salomão disse: «A quem dá liberalmente ainda se lhe acrescenta mais e mais; ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda» (Prov. 11:24). Reter ou limitar as nossas ofertas para a causa de Deus empobrece-nos a nós e à igreja, que terá dificuldade em obter os fundos necessários para poder progredir. Mas se dermos as nossas ofertas ao Senhor, distribuindo-as pelas diversas necessidades da Sua obra, Ele acrescentará os nossos bens e teremos uma igreja próspera, enquanto colaboramos na preparação do mundo para a volta de Jesus.

Examinemos os nossos hábitos em relação com o tema da mordomia e verifiquemos em que medida estamos a agir segundo o plano de Deus.

1. Antes de começar a despender o dinheiro que ganhámos, há que pôr de parte, além do dízimo, as ofertas.
2. Dar para Deus, em vez de dar para determinadas coisas.
3. Entregar na igreja o dinheiro do Senhor e na loja o nosso dinheiro.
4. Ter um plano para estabelecer a percentagem a atribuir às ofertas (além, naturalmente, do dízimo).
5. Aumentar a nossa contribuição na medida em que Deus aumenta as Suas bênçãos a nosso favor.

G. E. S.

«Tirai daqui estas coisas»

KENNETH H. WOOD, Director-redactor responsável
do órgão denominacional «Review and Herald»

A RECENTE série de quatro artigos a respeito de música (*) foi, cremos nós, umas das mais importantes que já publicámos. Se algum dos nossos leitores não dispensou cuidadoso estudo e meditação aos artigos dessa série, instamos que o faça imediatamente. Pais, professores e líderes da igreja, especialmente, precisam conhecer bem a matéria apresentada, pois devem decidir constantemente qual a música apropriada para o lar, a escola e a igreja.

Neste editorial queremos expressar as nossas convicções pessoais sobre a situação actual da música na igreja.

Como ponto de partida, entenda-se que atribuímos elevada consideração a algumas músicas religiosas modernas. Algumas delas são profundamente espirituais. Algumas alcançam corações nesta década de 1970 com mais êxito do que muita música chamada religiosa composta um século atrás. Os seus versos, embora frequentemente superficiais e às vezes impregnados de expressões semipanteísticas, contêm ocasionalmente gemas de verdade, e procuram levar os seus ouvintes a uma entrega a Cristo e a aceitar os princípios do Seu reino.

Sentimos, contudo, que devemos fazer soar uma nota de advertência. Parece estar-se desenvolvendo, em alguns lugares, uma tendência que não apenas obscurece mas destrói a linha divisória entre o sacro e o profano. Esta tendência não prevalece meramente na música em si, mas, também, na maneira como é apresentada. A situação já seria bastante séria se apenas o ritmo da música fosse considerado, mas quando as plataformas de Igrejas Adventistas do Sétimo Dia são tratadas como palcos seculares, quando os cantores se balançam em unísono com a música como dançarinos numa fila de coristas ou artistas numa «boite», a situação torna-se alarmante. Se o Mestre entrasse na Sua Casa como fez no passado, certamente ordenaria com autoridade: «TIRAI DAQUI ESTAS COISAS» (João 2:16).

Chegámos ao presente estado de coisas, em parte, porque a linha divisória entre a música aceitável e a não aceitável é, às vezes, estreita. O

ritmo de uma peça musical e a maneira como é apresentada, pode não ter diferença marcante do ritmo e da maneira de apresentação de uma outra. Apesar disso, uma pode ser secular, profana, e vinda «de baixo»; a outra pode ser religiosa, sacra, e vinda «de cima». A dificuldade para distinguir entre as duas pode encorajar alguns líderes a declarar: «Música não é a minha especialidade», e assim lavam as suas mãos do problema. Outros podem dizer: «Não julgue; tão-somente participe».

Mas essa reacção é irresponsável e inadequada. Historicamente, os adventistas têm pregado muito a respeito de coisas genuínas e falsas. Eles têm proclamado que «o sétimo dia é o sábado» e que «o primeiro é um falso dia de culto». Têm argumentado que há verdade e há erro, e aqueles que desejam fazer a vontade de Deus poderão distinguir entre as duas coisas (João 7:17). Porque, então, deverão alguns declarar-se incapazes de decidir qual a música aceitável ao cristão, e qual é inaceitável?

Outro factor que tem contribuído para a actual situação de decadência na música da igreja, é que muitas pessoas em posição de chefia procuram subestimar a importância de cuidadosa discriminação na escolha da música. Frequentemente protestam: «Que diferença faz? Isto não é assim tão importante. Estão fazendo disso um 'cavalo de batalha'». Talvez nos impressionasse mais essa maneira de pensar se não conhecêssemos a história de Adão e Eva. Mas quando lembramos que o fruto da árvore do conhecimento não era visivelmente diferente dos frutos de outras árvores no Jardim, sentimos que algumas «pequenas» diferenças, não são de facto «pequenas»; elas são enormes. Todos os que sinceramente desejam agradar a Deus, não as tratarão levemente. Procurarão ver as coisas como Deus as vê, e ouvi-las como Deus as ouve.

Um terceiro factor é que alguns — tanto jovens como idosos — explicam, com pouco caso, o seu uso da música «falsificada» dizendo: «Nós gostamos disto». É uma atitude alarmante. Os viciados em drogas poderiam explicar o uso de narcóticos da mesma maneira, «Nós gostamos disto». Justificariam assim o seu procedimento? É o certo e o errado meramente uma questão de gosto pessoal?

Um quarto factor é que algumas pessoas são tão desprovidas de senso de crítica, quanto a seus pontos de vista, que estão dispostas a permitir qualquer tipo de música no lar, na escola, ou na igreja, baseadas no argumento de que esta é a maneira

(*) Este editorial foi publicado em 20 de Janeiro de 1972, na «Review and Herald», pelo seu editor, realçando a importância de uma série de artigos sobre música, da autoria de Harold Lickey, professor de música do Walla Walla College, apresentados de 25 de Novembro a 16 de Dezembro de 1971, na mesma revista.

história do mês

O PASTORZINHO FIEL

(História alemã)



HANS era um pastorzinho que morava na Alemanha. Um dia estava guardando o seu rebanho no bosque, quando um caçador chegou.

— Quantas léguas são daqui até à aldeia mais próxima, meu amigo? — perguntou o caçador.

— Duas léguas e pouco, senhor — disse Hans —, mas o caminho é difícil.

— Meu amigo, estou perdido no bosque; se me acompanhar para me mostrar o caminho, pagarei bem o seu serviço — disse o estranho.

— Não posso, senhor, ainda que gostasse de ser útil. As minhas ovelhas ficariam espalhadas pelo bosque. Os lobos são um perigo!

— Estou pronto a pagar mais do que o valor das ovelhas, mais

do que o seu ordenado durante um ano.

— Senhor — disse Hans —, estas ovelhas não me pertencem, são do meu Mestre. Se elas se perderem eu sou o responsável.

— Tenho uma ideia. Eu fico com as ovelhas enquanto você vai à aldeia chamar alguém que conheça o caminho — disse o caçador.

— Não posso — disse Hans. — Compreenda-me! As ovelhas não o conhecem, estranhariam a sua voz...

— Não tem confiança em mim, não é assim?

— Para ser verdadeiro, não tenho. O senhor tentou convencer-me a abandonar as ovelhas que me foram confiadas. Quebraria a minha palavra para com o meu Mestre — disse o menino.

O caçador sorriu e disse:

— Tens razão, rapaz; gostaria de poder confiar assim naqueles que trabalham comigo.

Enquanto falavam, diversos guardas reais chegaram e gritaram com alegria. Tinham encontrado o príncipe.

Hans ficou muito espantado... o príncipe! Não era possível!

Mais tarde o príncipe mandou chamar Hans. Não o tinha esquecido, e também queria que o menino fosse trabalhar para o palácio. Mandou-lhe o seguinte recado: «Quero o trabalho de um jovem com o seu carácter. Preciso de si, Hans.»

Aquele simples pastorzinho ficou muito contente por tal oportunidade, mas não deixou o seu trabalho sem que o seu Mestre encontrasse outra pessoa para o substituir.

de manter os jovens sob o «manto» Adventista. Levado ao seu extremo lógico, este argumento justificaria a manutenção pela igreja, de um salão de baile, um casino, um bar ou um cinema. Os pais cristão e dirigentes da igreja prestam aos jovens um mau serviço quando obscurecem a distinção entre a música aceitável e a não aceitável, e toleram uma baixa qualidade de música e de apresentação dentro do contexto da igreja, «a fim de manter os jovens na igreja». Que pesada responsabilidade eles assumirão ao permitir que os seus jovens gozem o pecado sem a culpa.

A igreja nunca presta um serviço ao pecador comprometendo-se com o mundo. É melhor que os não regenerados permaneçam fora da igreja até que se submetam aos princípios da igreja, do que ela

se tornar semelhante ao mundo, alistando como membros aqueles que desejam trazer as suas normas, os seus costumes e gostos consigo.

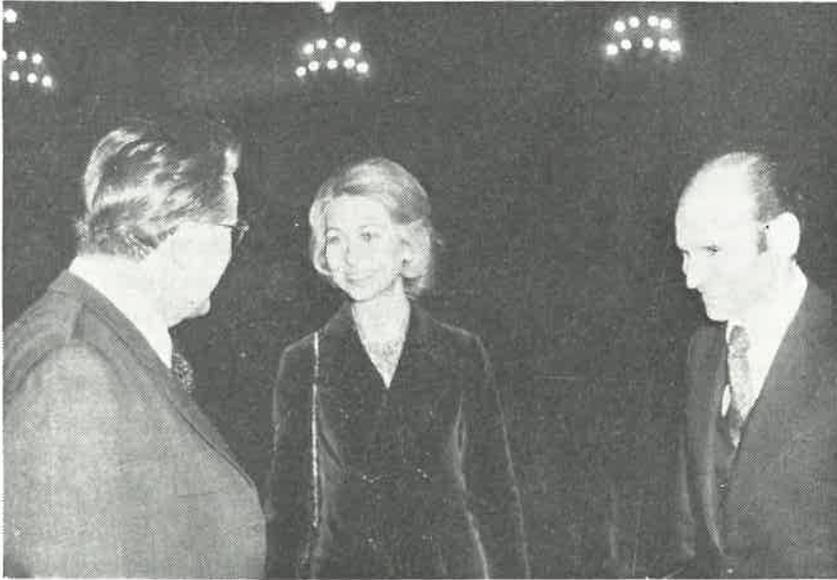
Será que a igreja de Laodicéia, através da sua atitude de mornidão e satisfação própria, permanecerá indiferente aos perigos que enfrenta? Permitirá ela que costumes, normas e valores mundanos alterem gradativa e imperceptivelmente a sua natureza distinta? Tornar-se-á a música do mundo música da igreja?

A resposta cabe aos responsáveis pela direcção da Igreja nestes tempos solenes, e aos que «suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela» (Ezequiel 9:4).

K. H. W.

A DOCTRINA ADVENTISTA APRESENTADA À RAINHA DE ESPANHA

Pastor Carlos Puyol, presidente da Associação Adventista Espanhola



O Dr. Jean Zurcher, Sua Majestade a Rainha Sofia de Espanha e o Pastor Carlos Puyol

O DEPARTAMENTO de Humanidades Contemporâneas da Universidade Autónoma de Madrid tem como objectivo a preparação dos seus estudantes para a solução actual dos problemas da história humana de uma maneira científica e prática. A fim de atingir tal objectivo, faz-se um esforço para desenvolver neles critérios livres e responsáveis que os levem a formar um juízo imparcial sobre as várias soluções apresentadas pelas ideologias do nosso tempo. Vários grupos representativos dessas ideologias foram convidados a apresentar a sua filosofia aos estudantes, seguindo uma estrutura uniforme para todos. Foi na própria sequência deste plano que a nossa igreja recebeu um convite do director do referido departamento, Doutor de Solas, para apresentar uma série de oito estudos aos estudantes, sobre os tópicos seguintes:

1. «O Fundamento Bíblico da Doutrina Adventista», pelo Dr. Georges Steveny, presidente do Seminário Adventista Francês de Collonges, França.

2. «Doutrinas Adventistas Básicas», pelo autor deste artigo, presidente da Associação dos Adventistas em Espanha.

3. «O Problema da Morte», pelo Dr. Jean Zurcher, secretário da Divisão Euro-Africana.

4. «A Organização da Igreja Adventista», pelo Pastor Ernesto Ferreira, director do Departamento de Teologia do Seminário Adventista de Sagunto, Espanha. (Este estudo teve de ser cancelado.)

5. «Escatologia e Sentido da História», pelo Pastor José Lopez, anterior presidente do Seminário Adventista Espanhol.

6. «O Problema de Deus», pelo Pastor José Lopez.

7. «Ética Individual e Social», pelo Dr. Raul Posse, director do Seminário Adventista Espanhol.

8. «Respostas aos Problemas Básicos da Civilização Actual», pelo Prof. R. Badenas, Deão Académico do Seminário Adventista Espanhol.

Sua Majestade, a Rainha Sofia de Espanha, frequenta os últimos anos da Universidade, no Departamento de Humanidades Contemporâneas, e assiste regularmente às aulas e às várias actividades universitárias na medida em que lho permitem as suas obrigações oficiais. Das oito apresentações feitas pelos adventistas, ela assistiu a cinco. Esteve presente quando o Prof. G. Stéveny explicou a nossa posição acerca do valor e autoridade da Palavra de Deus comparada com a tradição e ouviu a notável conferência do Dr. Zurcher sobre a imortalidade condicional e o estado dos mortos. No fim deste estudo, vários estudantes exprimiram a sua desilusão com a doutrina do purgatório, do inferno e da intercessão dos santos. Quando se fez o estudo sobre Escatologia e o Sentido da História, tive o privilégio de ocupar a cadeira ao lado de Sua Majestade e de procurar para ela, na minha própria Bíblia, os textos utilizados pelo orador. Ela leu com interesse as profecias de Daniel 2 e 7. A rainha não ocultou que as nossas doutrinas despertaram o seu interesse, e exprimiu repetidamente o desejo de receber um resumo de todos os tópicos que foram apresentados. Soubemos depois que apreciou a maneira pormenorizada como os nossos oradores apresentaram os seus assuntos, o fascinante conteúdo e profundidade dos discursos, assim como as qualidades humanas de todos os adventistas com quem contactou. Esta parece ser igualmente a opinião entusiástica do director do Departamento, Dr. de Solas, assim como dos alunos que assistiram aos estudos.

No dia 25 de Maio, a seguir ao último estudo doutrinário, o Dr. Lanarès, director do Departamento de Liberdade Religiosa da Divisão Euro-Africana e director da revista «Conscience et Liberté», em resposta a um convite especial, apresentou o tema «A Liberdade Religiosa no Século XX». A assistência foi de cerca de 70 pessoas, incluindo Sua Majestade que, pela sua atenção, mostrou ter apreciado muito tanto a dissertação como o diálogo que se lhe seguiu. Durante este período de perguntas, eu quis introduzir uma atmosfera mais pessoal, perguntando ao Dr. Lanarès o que ele pensava sobre a liberdade religiosa em Espanha. Como resultado, um grande número exprimiu muito sinceramente a sua opinião pessoal sobre a liberdade religiosa no seu país. Daí resultou um óptimo ambiente. Houve declarações de gratidão e esperança no futuro. Alguns exprimiram o desejo de que se crie uma estrutura legal cada vez mais de acordo com as nobres aspirações de todos os crentes ao amplo exercício do seu total e inalienável direito à liberdade religiosa.

A imagem que ficou da nossa igreja foi muito positiva. Estabeleceram-se laços de apreço e amizade que gostaríamos de ver continuados e fortalecidos. Em todo o caso, retiraram-se os rótulos que a incompreensão e a intolerância haviam afixado em termos anteriores. E ainda apenas começámos. Parece muito possível que num futuro próximo tenhamos a oportunidade de receber os estudantes do departamento universitário num dos serviços religiosos na nossa igreja, e que Sua Majestade venha a acompanhá-los! O grupo mostrou-se muito interessado pela nossa música. Gostariam de estabelecer contactos culturais com as nossas universidades em todo o mundo. Todos exprimiram o desejo de ouvir falar um dos nossos especialistas do Instituto de Pesquisa Geocientífica. No encerramento do nosso último estudo, Sua Majestade perguntou-me se os adventistas participariam no curso do próximo ano (que será o seu último ano na universidade).

Que significado poderá ter para nós este contacto no futuro? Não

sei. O último assunto tratado foi uma excelente conclusão do que se havia planeado ser uma pura actividade cultural, mas que acabou por resultar num extraordinário êxito que estimulará sem dúvida a causa da liberdade religiosa em Espanha. A rainha retirou-se levando consigo uma colecção de exemplares da revista especializada «Conscience et Liberté», e, no seu coração, o impacto das

nossas expressões de apreço pela sua presença e da honra que sentimos e a esperança que nela depositamos. Ficámos sinceramente comovidos e do nosso íntimo subiu uma oração por ela e pelo rei: «Pai Celestial, pedimos-Te que sejas com os nossos monarcas, para que possam viver calma e confiadamente, em toda a piedade e virtude.»

C. P.



A RAINHA NA IGREJA ADVENTISTA

No dia 4 de Julho concretizou-se a visita de Sua Majestade à igreja adventista da Rua Alenza 6, em Madrid, para assistir a uma cerimónia de Santa Ceia. Na foto, o Pastor E. Cupertino durante uma recente reunião em Lisboa, mostra aos obreiros portugueses uma página de um jornal espanhol com a reportagem do acontecimento.

notícias do campo

ACTIVIDADES M. V. NA IGREJA DE CANELAS

Clube de Desbravadores

Foi no passado dia 13 de Junho que realizámos a cerimónia da promessa dos jovens que compõem o Clube de Desbravadores desta igreja, assim como os Tições tiveram também a sua investidura, estes dirigidos pelo seu chefe Joaquim Ferreira. Aproveitámos assim da melhor maneira a presença entre nós do irmão Pastor Joaquim Morgado, pois que neste mesmo dia se realizou um Encontro de Dirigentes MV do Norte.

Antes de iniciarmos esta cerimónia teve lugar a apresentação de alguns trabalhos manuais, que são como que as primícias do esforço destes jovens, para que, num amanhã breve, possamos realizar também uma feira, onde se possam mostrar e vender os nossos próprios trabalhos. Logo após este período e cerca das 19 horas, teve lugar o início da cerimónia, com a

entrada dos jovens que compõem este Clube com os seus fardamentos e bandeiras, os quais procederam à promessa proferida por cada um deles, finda a qual nove jovens foram investidos nas Classes Progressivas: Amigos (7), Companheiros (1) e Pesquisadores (1).

Já na parte final, os nossos Tições foram investidos na Primeira Estrela.

Na realidade tem sido uma bela experiência entre nós, pois que esta juventude, desta forma, desfruta de um maior apoio, podendo desenvolver ainda mais todos os seus talentos. Para tanto bastará que saibam deitar mão destes movimentos em seu favor, porque assim estarão seguindo o conselho de S. Paulo que diz: «Procura apresentar-te a Deus aprovado».

José Guedes



Cerimónia de investidura em Canelas

BAPTISMOS NA IGREJA DE ESPINHO

Quando há boa vontade ...

Os apelos fizeram-se, o repto foi lançado, e os irmãos responderam!... Assim é nesta bela Igreja de Espinho;

cada um procura corresponder aos anseios da mesma Igreja. A nossa tecla tem sido «Vamos trabalhar e dei-

nar para trás os alvos que estão na nossa frente!» Louvado seja Deus! Agora estamos mais descansados, os irmãos responderam e, cheios de zelo, instruíram, convidaram os indecisos, falaram com as famílias, ajudaram a resolver problemas, minha mulher uniu-se a eles neste propósito, e o que parecia impossível tornou-se possível. Oito almas puderam ser levadas aos pés de Jesus, no Sábado 3 de Julho de 1976. Louvado seja Deus! Como era visível a alegria nos irmãos, no dia da festa de batismos!

Uma irmã de 59 anos que já conheceu a mensagem há 20 anos; que tantos pastores tem estudado com ela o caminho da vida, e nós o fizemos há 6 anos quando aqui chegámos, e tem vindo à Igreja tantas vezes, decidiu-se agora, dado este esforço colectivo. A Igreja sente a responsabilidade com o seu pastor.

A irmã Edmara conta que há muitos anos a sua mãe tivera uma doença nos olhos, estando em riscos de ficar cega; nessa altura, fez um voto ao Senhor que, caso sua mãe melhorasse, se baptizaria na Igreja Adventista, pois ela bem conhecia a sua mensagem. Pouco a pouco foi melhorando e, finalmente, ficou curada; todavia protelou o seu baptismo. Algum tempo mais tarde o seu filho Francisco do Novo



Os novos crentes baptizados em Espinho

UM DOM ARTÍSTICO NA IGREJA DO FUNCHAL

O Poeta César Gomes Vieira

Vive na Madeira, já em avançada idade, um poeta adventista que deveria ser conhecido, lido e amado por todo o nosso povo. César Gomes Vieira, hoje com 82 anos, ainda sente toda a vibração pelos grandes temas da vida e sabe traduzir em versos

suaves e melodiosos todo esse ardor que vai no seu coração.

Conheci-o, ouvi-o e li os seus versos, que têm um sabor diferente de tudo o que se publica por aí, cheios de ternura e de refinados sentimentos. É pena que a nossa gente não o co-

nheça e que toda a sua produção fique sem vir a lume, em forma de livro!

Para que os Irmãos tenham uma ideia da qualidade do poeta a que nos referimos, publicamos aqui dois dos seus inúmeros sonetos.

Benito Raymundo

SUPREMO CRIADOR

Eu vi o mar a esmiuçar a areia,
Procurando os segredos da natura.
E a areia respondeu-lhe com doçura:
— Desiste, meu amigo, dessa ideia.

Vem o cientista e desvendar anseia
O princípio da vida que perdura.
Confundido na treva que o rodeia,
Sempre em silêncio desce à sepultura.

E tudo num mistério se condensa
Ante a luz da Verdade e da Razão,
Diz-nos a Fé, afirma-nos a crença.

Deus é o supremo autor da Criação.
Tudo revela a Sua onnipresença,
Sustendo o mundo em Sua excelsa mão.

GLÓRIA A DEUS

Debruçado no caos da Evolução,
No seio da matéria efervescente,
Eu via o próprio mundo em gestação,
Como bola de argila incandescente.

Milénios vão passando em convulsão
E a massa continua intermitente
Até que, arrefecendo lentamente,
A Monera dá vida à Criação.

Assim pensei na minha mocidade,
Mas, profundando a essência da Verdade,
Eu compreendi à luz da sã Razão

Que os mistérios sagrados da existência,
Muitas vezes vedados à ciência,
Deus os revela ao nosso coração.

baptizou-se. Foi-me dado o privilégio de o sepultar nas águas; a sua filha entregou-se agora, volvidos que são tantos anos, mas a beneficiada, a mãe, — que fez o voto! — ainda espera o momento de dar cumprimento ao seu voto. Apercebemo-nos ser difícil a sua decisão; que o Senhor tenha piedade dela.

Há ainda muitas outras pessoas que já conhecem os ensinamentos do Mestre há muito tempo! falta-lhes somente a decisão, como no caso desta irmã Edmara. Ao tomar conhecimento desta decisão, o irmão Álvaro de Oliveira

fica a saber que não foi em vão o seu trabalho de há tantos anos com esta irmã.

É digno de nota a boa vontade e esforço do irmão Diogo Gonçalves, que está disposto a deixar de receber cerca de dois contos mensais, para poder guardar o Santo Sábado. Deus proverá, diz ele, e certamente assim será.

Isto diz no sentido da responsabilidade que cada um tem ao se tornar membro do povo de Deus. Cada caso tem a sua história. O António da Costa Coelho, que foi preciso vir à Venezuela, para se decidir, grande

alegria vai dar à sua mãe, nossa irmã Maria Pereira. Como é boa a colaboração de todos!

Irmãos, ajudai os vossos pastores que velam por vossas almas; eles esperam de vós colaboração. O tempo é chegado, os sinais estão à vista, estamos perto do Reino. Quando lemos Isaías 49:25 e 15, temos confiança de que Deus está conosco. Ele não se esqueceu desta pobre humanidade. A Igreja sentiu estas palavras e um bom número disse «sim» aos próximos batismos. Louvado seja Deus!

Adelino Nunes Diogo

**notícias
do campo**

Libertação de Obreiros Moçambicanos

Bernardino Mabote, o novo presidente da União de Missões de Moçambique, foi finalmente retirado da prisão, juntamente com o colportor José Pechisso. Agora que a situação política daquele país está um pouco mais estabilizada, já lhes é permitido movimentar-se no cumprimento das suas ocupações regulares.

Pastor E. Ferreira de Visita a Angola

O Pastor Ernesto Ferreira, professor de Bíblia no Seminário Espanhol, de nacionalidade portuguesa e antigo presidente da União de Angola, obteve um visto de entrada naquele país. Durante dez dias visitou ali os nossos centros denominacionais, auxiliando os irmãos angolanos na reorganização do outrora florescente trabalho naquele território.

Assembleia da Associação Espanhola

A assembleia da Associação Espanhola reelegeu o Pastor Carlos Puyol para presidente e Giovanni Cupertino para secretário-tesoureiro. Manuel Martorell é o director dos departamentos da Educação e da Juventude, Juan Lozano é o secretário da Associação Ministerial e director da Temperança, Juan Rodriguez ocupa-se do departamento de Publicações, Roger Weiss continua como director das Actividades Leigas e da Escola Sabatina, e Daniel Basterra foi nomeado para o cargo da Liberdade Religiosa por acumulação com as suas funções pastorais.

Hospital Nacionalizado na Etiópia

O Hospital Empress Zauditu Memorial em Adis Abeba foi recentemente nacionalizado pelo Governo da Etiópia. Este hospital de 135 camas empregava pessoal nacional, além de 20 obreiros estrangeiros. A maior parte destes últimos será redistribuída por outras zonas africanas. A instituição fora fundada em 1933 e, excepto por um breve período durante a Segunda Guerra Mundial, funcionara ininterruptamente.

Serviço Militar Obrigatório Substituído por Trabalho numa Instituição Adventista

O Lar para Pessoas Idosas, de Semmering, foi reconhecido pelo Governo Austriaco como instituição na qual os jovens adventistas do sétimo dia podem cumprir as suas obrigações do serviço militar obrigatório. A alternativa é definida como trabalho social sob a ajuda e os cuidados normais recebidos pelos internados.

Curso de Extensão de Andrews em Bogenhofen

Abriu com êxito no passado mês de Junho um Curso de Extensão da Universidade de Andrews, no Seminário de Bogenhofen, Áustria, destinado a obreiros de língua alemã. Houve 83 inscrições. O Dr. Gerhard Hasel é o director do Curso e ensina também Antigo Testamento. Os outros dois instrutores são o Dr. Harold Coffin, em Ciência e Religião, e Johann Heinz em Lutero e a Reforma.

Colaboração Adventista em Ajuda a Países Pobres Votada pelo Governo Suíço

O Governo Suíço votou uma ajuda no valor de 63 milhões de francos para a distribuição de leite e produtos derivados, que se fará regularmente, de 1976 a 1978, por intermédio da organização internacional de beneficência.

Incluídas nesta oferta, há 20 toneladas de leite em pó enviadas pelo departamento de beneficência adventista da União Suíça, que se destinam a várias instituições médicas e escolas em Madagáscar, Camarões, Cabo Verde e Senegal.

O Governo Suíço acrescentou a esta remessa o valor de 185 000 francos em leite a ser distribuído por pessoas pobres nos países mencionados. O preço do frete até ao porto mais próximo, Roterdão, será suportado pela União, mas metade do custo do carregamento e ainda metade do frete desde Roterdão até aos respectivos portos de destino ficarão a cargo do Governo Suíço.